

NS

APRESENTAÇÃO

Em 1940, no início da Segunda Guerra Mundial, Virginia Woolf e seu marido Leonard receberam a notícia de que a casa que era então seu endereço em Londres, em Mecklenburgh Square, fora parcialmente atingida durante um ataque aéreo. Pouco depois, veio a notícia de que a casa onde haviam morado e trabalhado durante quinze anos na Tavistock Square, e que ainda alugavam, fora destruída em outro bombardeio. Na época, o casal estava refugiado em Monk's House, sua casa de campo em Rodmell, no interior da Inglaterra. Os dois decidem ir até Londres para recuperar o que fosse possível nas duas casas. Em 20 de outubro de 1940, Virginia Woolf registra em seu diário a visita feita dois dias antes aos escombros da sua vida londrina. A primeira coisa que faz ao chegar às ruínas é procurar seus diários, que ela, com alguns hiatos, escreveu por 44 anos – desde a adolescência, em 1897, até quatro dias antes de sua morte, em 1941.

Assim ela escreve, ao ver Tavistock destruída:

Três casas, calculo, destruídas. O porão em escombros. Únicos remanescentes uma velha cadeira de palha (comprada nos tempos da Fitzroy Square) & o letreiro da Penman [& Co.], “Aluga-se”. No mais nada além de tijolos & lascas de madeira. Uma porta de vidro da casa ao lado oscilava pendurada. Só vi um pedaço da parede do meu escritório de pé: fora isso, nada além de entulho onde escrevi tantos livros. Céu aberto no lugar onde tantas noites nos sentamos, demos tantas festas.

E depois, ao chegar em Mecklenburgh Square:

Livros espalhados pelo chão da sala de jantar. Na saleta do meu quarto vidro cobria inteiramente o armário de Mrs. Hunter – &c. Somente a sala de estar com as janelas quase inteiras. Um vento soprava pela casa. Comecei a caçar diários. O que daria para resgatar naquele carro tão pequeno? Darwin, & o faqueiro de prata, & algumas louças & porcelanas.

Os diários de Charles Darwin – *A viagem do Beagle*, o faqueiro de prata, louças e porcelanas: essas foram as coisas que Virginia resgatou como prioridade em meio ao entulho, vidro quebrado e poeira, e que levou para a relativa segurança de sua casa em Rodmell. Apenas cinco meses após o bombardeio em Londres, em 28 de março de 1941, encheu os bolsos do

casaco com pedras e afogou-se no rio Ouse. Tinha 59 anos; estava em plena Segunda Guerra Mundial; sentia um novo colapso mental se aproximando. Atrás de si, além da obra literária magistral já conhecida pelo público, Woolf deixou outra, de impressionante literariedade: 33 cadernos contendo os diários que escreveu regularmente ao longo de 44 anos – ou seja, quase toda a sua vida adulta. Houvessem sido destruídos, como quase chegou a ser o caso, uma parte monumental de sua obra teria se perdido.

Entre sua despedida no Ouse e os dias de hoje, Virginia Woolf tornou-se uma das autoras mais conhecidas da literatura canônica ocidental, famosa por romances como *Mrs. Dalloway*, *Ao farol* e *As ondas*. Foi admirada pela prosa elegante e sensível; criou uma abordagem particular do fluxo de consciência, em que a ação narrativa oscila não apenas entre o interior e o exterior da personagem, mas entre uma personagem e outra; virou libelo do feminismo, sendo precursora dos estudos de gênero; e foi estudada por pontos de vista tão diversos quanto, por exemplo, estudos do modernismo, psicologia, estudos da diferença e estudos pós-coloniais. Seus romances foram traduzidos entusiasmaticamente e por nomes de peso como Marguerite Yourcenar e Jorge Luis Borges. Woolf virou tema de peça, filme de Hollywood vencedor do Oscar, estampa de canecas e camisetas, deu origem a inúmeras adaptações.

Entretanto, até o momento da escrita deste texto, do ponto de vista literário seus diários ainda permaneciam de certa maneira sob o silêncio condescendente que se relega às obras ditas menores de um escritor, esmagados, sobretudo, pelo peso do gênero. Vistos costumeiramente como um registro fiel, exato e verdadeiro da vida e da subjetividade de quem os escreve, os diários encontram-se acorrentados a um regime de suposta sinceridade absoluta. Como diz o romancista argentino Alan Pauls, “para que o diário diga a verdade, é preciso expulsá-lo da literatura”. É como se, em troca do propalado privilégio de “dizer a verdade”, tivesse de suportar o safanão que o aparta de outras obras, lhe nega dignidade literária e o degrada à categoria de obra subsidiária – útil talvez apenas pelo conteúdo relevante, para iluminar outras.

A primeira publicação dos diários de Virginia ocorreu em 1953, capitaneada por seu marido, Leonard. Com mão editorial pesada para preservar a intimidade das pessoas citadas (boa parte das quais ainda estava viva), Leonard limou tudo o que não se referia à escrita de Virginia, intitulado o volume apropriadamente de *A Writer's Diary* [Diário de uma escritora]. A íntegra só seria publicada trinta anos depois, no fim dos anos 1980. Dessa maneira, até pouco tempo o único registro dos diários de

Virginia Woolf disponível para deleite e análise era parcial. Nos dois sentidos: recortado e, como todo recorte, enviesado.

É importante frisar, contudo, que Leonard foi o primeiro leitor das obras de Virginia durante praticamente toda a vida dela, e, portanto, faz sentido que tenha sido ele o primeiro a editar seu diário. Ela mesma menciona em mais de uma passagem que desejava que ele o fizesse. Em 20 de março de 1926, escreve:

Mas o que será feito de todos esses diários, perguntei a mim mesma ontem. Se eu morresse, o que Leo faria deles? Dificilmente os queimaria; não conseguiria publicá-los. Bom, devia fazer um livro com eles, eu acho; & depois queimar o corpo. Arrisco dizer que existe um livrinho aí no meio: se os rascunhos & rabiscos forem um pouco organizados. Deus sabe. [\[01\]](#)

Leonard, além disso, era coeditor dos livros de Virginia. Todas as obras dela até o seu falecimento, à exceção de *A viagem* (1915) e *Noite e dia* (1919), vieram a público pela editora dos dois, a Hogarth Press. Isso significa que ela detinha o controle sobre o processo editorial de seus textos – e com mão severa, como o demonstram as até oito provas de um mesmo original. Desse modo, foi uma escritora que não sofreu interferências alheias na publicação de seus livros e pôde conservar neles marcas gráficas pouco usuais, como os longos parágrafos característicos do seu estilo. O mesmo não ocorreu com os textos publicados postumamente, em especial os que não foram editados por Leonard.

Mesmo tão recortados, tão logo foram publicados em sua primeira edição os diários de Virginia Woolf se viram cercados por uma espécie de curiosidade mórbida, comum aos diários de suicidas: encerrariam o segredo do que levou a autora a tirar a própria vida? Foram, igualmente, envolvidos pelo mesmo fascínio despertado por todos os relatos de indivíduos que realizaram coisas extraordinárias, fora do escopo do homem e da mulher comuns: haveria ali as pistas da criação artística, os indícios da genialidade? Os estudiosos, por sua vez, se alvoroçaram na esperança de encontrar sinais que possibilitassem lançar nova luz às obras woolfianas. E o leitor comum, tão celebrado pela autora, esperou encontrar ali não mais a Virginia Woolf enigmática embaçada pela opacidade das suas ficções literárias, e sim a verdadeira Virginia, em toda a sua humanidade.

Quem ler seu diário buscando encontrar uma explicação para o seu gesto final se verá frustrado, porém. Nos períodos que ela chama de “loucura”, ela não faz registros, ou, quando os faz, são na melhor das hipóteses lacônicos. O mesmo vale para períodos de intensa dor. Tal maneira enviesada de os

narrar, não apenas nos diários, mas em toda a sua literatura, sugere não um descaso com as perdas, e sim que, por vezes, aos grandes momentos só obliquamente conseguimos fazer justiça.

Somente quase trinta anos depois veio a público a versão quase integral do diário adulto de Virginia Woolf.^[02] Dividida em cinco volumes publicados entre 1977 e 1984, teve como responsável Anne Olivier Bell (estudiosa de literatura e esposa de Quentin Bell, sobrinho de Virginia, com a ajuda de Andrew McNeillie a partir do terceiro volume). Cobre 26 cadernos manuscritos, muitos dos quais encadernados à mão pela própria Woolf, e engloba os anos de 1915 a 1941. Inicia-se quando a autora tinha 33 anos de idade e estava prestes a lançar seu primeiro romance, *A viagem*, e termina em 24 de março de 1941, quatro dias antes de sua morte e poucos meses depois de ela finalizar seu último livro, *Entre os atos*.^[03]

Anne Olivier Bell realizou uma pesquisa hercúlea para iluminar o diário de Virginia Woolf, pois frequentemente só se entende do que ela está falando caso se conheça sua vida e suas obras, ou se conheça o contexto. Seu trabalho primoroso foi a base para a presente edição dos diários de Virginia Woolf em português, que também conservou boa parte das suas notas de rodapé: aquelas que não contêm nenhuma sinalização são todas de Anne Olivier Bell. As ocasionais notas incluídas na edição brasileira foram indicadas como “N. T.”, sempre que se julgou pertinente aclarar ou observar algum ponto. No entanto, apesar dos enormes méritos da sua edição cuidadosa, ela suprimiu algumas marcas relevantes de literariedade que estão presentes também em outros textos woolfianos. Por exemplo, foram inseridas quebras de parágrafo em nome da clareza do texto e em detrimento do estilo. Para garantir precisão informativa, dividiram-se as passagens que Woolf escrevia de forma contínua ao longo de vários dias, originando desse modo passagens não existentes nos manuscritos. Virginia com frequência iniciava uma entrada em determinada data, mas só a concluía dias depois, e muitas vezes não existe nenhum indício disso no manuscrito a não ser uma mudança de tinta, um espaço em branco ou, o que é mais raro, alguma espécie de indicação, como marcações entre parênteses ou observações escritas posteriormente nas laterais do texto principal. Para determinar as datas suprimidas, Olivier Bell valeu-se do apoio de documentos – como cartas, o diário de Leonard Woolf, jornais, registros históricos, programas de eventos e exposições, entre outros.

Na presente edição, a primeira integral publicada em português e baseada no cotejo do diário publicado com os manuscritos guardados na Berg Collection, em Nova York, os registros originais de Virginia Woolf

foram restaurados e notas de rodapé indicam os pontos onde Olivier Bell quebrou entradas. Isso é um ponto importante porque, de muitas e diferentes maneiras, Virginia escreveu os diários como um texto único e contínuo. Colando uma passagem na outra, anotando à margem as datas (e outras informações) de modo a não influenciar o texto principal, percebe-se como o diário foi fundamental para o seu projeto literário modernista, como era indiferenciado em muitos sentidos da concepção que ela tinha de literatura, alinhando-se com perspectivas que ela expõe, por exemplo, no ensaio “Ficção Moderna”. Ali ela diz que, em contraste com o modo de representação vitoriano realista (que ela considera falso por privilegiar a ordem e a linearidade, quando a realidade não possui nem uma nem outra), o modo de representação almejado pelos modernos seria mais verdadeiro, pois tenta “registrar os átomos à medida que eles caem na mente”. E é exatamente isso o que seus diários fazem. Neles tudo cabe. Às vezes, em um mesmo parágrafo, misturam-se as insignificâncias do cotidiano, como o preço do ovo; reflexões sobre a sociedade, a arte e a literatura; o registro das leituras que ela fazia, de autores tão diversos quanto Shakespeare, Dante, Proust, Byron, Keats, Dostoiévski ou Tolstói; comentários sobre pessoas e acontecimentos, como as duas grandes guerras; inseguranças; e questionamentos sobre a natureza e os caminhos da crítica, do romance e da ficção. Desse modo, vivido como uma escrita sem fim, os diários de Virginia Woolf representam o seu anseio por um sistema capaz de incluir tudo, sem distinções: o rasteiro e o sublime. E Virginia valeu-se deles para construir a si mesma como escritora e mulher. Assim, o que se vê ao longo de suas centenas de páginas não é o retrato consolidado de uma “única” Virginia Woolf, mas o registro de uma constante mudança.

No entanto, tal como com diversos outros assuntos em sua vida, mantinha com os diários uma relação contraditória. Ela alterna momentos em que o considera “sua obra mais importante” ou sua “verdadeira grande obra” com outros em que o considera “superficial”, questiona-se sobre a própria razão de escrevê-los e põe em dúvida o valor de diários de modo geral (muito embora fosse uma assídua leitora do gênero). Seja como for, era ali onde ela sentia poder relaxar a pena, ao contrário da sua escrita ficcional e dos ensaios, que a consumiam imensamente.

Os diários também serviram como um campo muito relevante de experimentos, em que Virginia podia fazer reflexões literárias. Entre outras coisas, assemelham-se a um equivalente literário do que se chama *sketchbook*: um caderno em que os artistas fazem croquis e registram esboços de suas ideias e inspirações. A própria Virginia com o tempo vai

adquirindo ciência desse fato, como revelam as seguintes passagens de 1924:

Acaba de me ocorrer que neste livro eu *pratico* a escrita; treino minhas escalas; sim, & me dedico a criar certos efeitos. Ouso dizer que aqui pratiquei [O quarto de] Jacob – & Mrs. D[alloway], e aqui devo inventar meu próximo livro, pois cá escrevo meramente em espírito, & nisso também existe grande alegria, & assim também a velha V. de 1940 enxergará algo aqui. Ela será uma mulher capaz de enxergar as coisas, a velha V.: tudo... mais do que posso imaginar. (17 de outubro de 1924; grifos dela)

Escrever o diário ajudou enormemente o meu estilo, soltou as amarras. (1º de novembro de 1924).

Vemos germes de personagens e cenas inteiras que depois são transpostos para ensaios ou romances e contos – e que curiosamente por vezes reaparecem mais tarde nos diários, revelando uma simbiose muito particular entre eles e o restante de sua obra.

Dessa maneira, os diários podem ser lidos também como uma *forma-cruzamento* entre os diversos textos de Woolf – cuja escrita, repleta de pausas, pontos-e-vírgulas, de silêncios, de afirmares e desdizeres em seguida, já aponta para uma reconstrução da forma literária masculina inglesa herdada do século XIX e a contestação de uma posição de autoridade narrativa categórica. Algo bastante apropriado, aliás, a uma autora que em seus textos botou em xeque justamente a noção de identidade narrativa, de solidez do sujeito e os limites da nossa possibilidade de conhecimento da realidade.

Ernst Jünger reescreveu seu diário antes de publicá-lo, assim como Lúcio Cardoso fez com diversas passagens. Katherine Mansfield escreveu distintas versões de uma mesma anotação, às vezes na mesma página. À maneira de um palimpsesto, Woolf ocasionalmente colava passagens completamente reescritas, elaboradas tempos depois, sobre as originais; e, segundo Clive Bell, crítico de arte e marido de Vanessa, irmã de Virginia, Leonard teria dito, acerca de trechos do diário da esposa: “Não há aqui nem um pingão de verdade”. Não é difícil encontrar sinais de elaboração textual com que, em seus diários, os escritores tentam dar uma rasteira no tal “regime da sinceridade” (com todos os valores que vêm a reboque com ele: espontaneidade, transparência, verdade). Talvez os mais interessantes sejam justamente aqueles que se recusam a aceitar o procedimento que vincula o diário à vida e o desvincula da literatura.

Grosso modo, os escritores de diários do século xx podem ser unidos pelo fato de que, em sua experiência, fundem-se catástrofes mundiais (guerra, holocausto, totalitarismos) e pessoais (alcoolismo, depressão, degradação física). Eles travam guerras secretas dentro de si – contra os vícios, a loucura, a autodestruição – enquanto os conflitos de um mundo em ruínas atravessam e sugam sua subjetividade. Seus diários são terrenos de resistências – falhas e fracassadas, mas quase sempre as únicas possíveis – e, dessa maneira, não podem ser vistos apenas como expressão individual. Por mais íntimo que pareça, seu discurso sempre permite articular as vozes e experiências alheias.

Em Virginia Woolf, essa articulação surge muitas vezes por meio de cenas, que ela aliás considera seu “modo natural” de contar. Navega no intersticial; esfumaça fronteiras de gênero; e não consegue narrar nenhum tipo de texto sem se valer de encenações ou personagens. O exemplo mais notório na não ficção é muito possivelmente *A Room of One's Own* (texto que em português foi publicado com diversos títulos, como *Um teto todo seu* e *Um quarto só seu*), o famoso ensaio em que ela lança mão de uma fictícia irmã de Shakespeare para argumentar por que, historicamente subalternas e relegadas ao lar, as mulheres foram impedidas de desenvolver suas vocações.

Defronte às formas híbridas, como é o caso das escritas de si (autobiografia, diários, memórias), automaticamente vem a pergunta: o que é a ficção e o real vivido; o verossímil e o veraz? Então surgem outras, como: em que circunstâncias quem fala importa mais do que o que se fala? Desde o gesto de ruptura duchampiano de exibir, em 1917, num museu, um urinol, não pode haver mais ingenuidade quanto ao fato de que os discursos são tanto um tipo de texto como um modo de leitura e, socialmente, também delimitados pelo seu espaço de circulação. Se a verdade não é única – são muitas a formar um quadro, dependentes do observador –, por outro lado transforma-se em uma quimera longínqua que está quase sempre pressuposta, mas quase nunca é completamente verificável.

No caso do romance, já no fim do século xix começa a ruir a posição de autoridade do narrador, que não domina mais seu próprio relato e que com isso desestrutura os dogmas absolutos da certeza e da coerência narrativas. E será precisamente o caráter do narrador das escritas de si – com sua cota de dúvidas sobre a realidade e seu discurso sempre no limiar do que ainda é possível narrar – aquilo que pode aproximá-lo da prática ficcional.

Ficção e literatura, entretanto, não são sinônimos. Há que se perguntar, então, de que modo a ficção não se limita à literatura, e como a literatura, por sua vez, não se apoia completamente na ficção – porque o

conhecimento objetivo é duvidoso, mas a representação subjetiva pode ser ilusória. É justamente nesse terreno informe de uma busca incessante por definição, sem jamais encontrá-la, que Virginia Woolf parece caminhar. Para ela, a literatura vem da vida (o “halo” de que fala no célebre ensaio “Ficção Moderna”), mas ao mesmo tempo não vem da vida (“é preciso sair da vida e ir além”, “eu desconfio da realidade”, diz ela nos diários). O movimento é, portanto, simultaneamente interno, para dentro da linguagem, e externo, voltado para o fora. “Nada é mais fascinante”, escreveu no prefácio para a edição americana de *Mrs. Dalloway*, em 1927, “do que enxergar a verdade que habita atrás dessas imensas fachadas de ficção – se a vida é de fato real, e se a ficção é de fato fictícia. E provavelmente a relação entre ambas é extremamente complicada.” Woolf desejava encontrar um “sistema que não excluísse”, capaz de incluir tudo, sem distinções: o eu e o outro, a vida e o artifício. Nesse sentido, a ficção aparece em seus diários como um meio de passagem, uma travessia entre a representação e o real: sacolejante às vezes; mas, noutras, sutil como um sopro de ar.

ANA CAROLINA MESQUITA

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Apresentação

Sobre 1915–1918

Nota sobre a tradução

Nota sobre a tradutora

1915

Sexta, 1 de janeiro

Sábado, 2 de janeiro

Domingo, 3 de janeiro

Segunda, 4 de janeiro

Terça, 5 de janeiro

Quarta, 6 de janeiro

Quinta, 7 de janeiro

Sexta, 8 de janeiro

Sábado, 9 de janeiro

Domingo, 10 de janeiro

Segunda, 11 de janeiro

Terça, 12 de janeiro

Quarta, 13 de janeiro

Quinta, 14 de janeiro

Sexta, 15 de janeiro

Sábado, 16 de janeiro

Domingo, 17 de janeiro

Segunda, 18 de janeiro

Terça, 19 de janeiro

Quarta, 20 de janeiro

Quinta, 21 de janeiro

Sexta, 22 de janeiro

Sábado, 23 de janeiro

Domingo, 24 de janeiro

Segunda, 25 de janeiro

Terça, 26 de janeiro

Quarta, 27 de janeiro

Quinta, 28 de janeiro

Sexta, 29 de janeiro

Sábado, 30 de janeiro

Domingo, 31 de janeiro

Segunda, 1 de fevereiro

Terça, 2 de fevereiro

Domingo, 14 de fevereiro

Segunda, 15 de fevereiro

1917

Agosto

Sexta, 3 de agosto

Sábado, 4 de agosto

Domingo, 5 de agosto

Segunda, 6 de agosto

Terça, 7 de agosto

Quarta, 8 de agosto

Quinta, 9 de agosto

Sexta, 10 de agosto

Sábado, 11 de agosto

Domingo, 12 de agosto

Segunda, 13 de agosto

Terça, 14 de agosto

Quarta, 15 de agosto

Quinta, 16 de agosto

Sexta, 17 de agosto

Sábado, 18 de agosto

Domingo, 19 de agosto

Segunda, 20 de agosto

Terça, 21 de agosto

Quarta, 22 de agosto

Quinta, 23 de agosto

Sexta, 24 de agosto

Sábado, 25 de agosto

Domingo, 26 de agosto

Segunda, 27 de agosto

Terça, 28 de agosto

Quarta, 29 de agosto

Quinta, 30 de agosto

Sexta, 31 de agosto

Sábado, 1 de setembro

Domingo, 2 de setembro

Segunda, 3 de setembro

Terça, 4 de setembro

Quarta, 5 de setembro

Quinta, 6 de setembro

Sexta, 7 de setembro

Sábado, 8 de setembro

Domingo, 9 de setembro

Segunda, 10 de setembro

Terça, 11 de setembro

Quarta, 12 de setembro

Quinta, 13 de setembro

Sexta, 14 de setembro

Sábado, 15 de setembro

Domingo, 16 de setembro

Segunda, 17 de setembro

Terça, 18 de setembro

Quarta, 19 de setembro

Quinta, 20 de setembro

Sexta, 21 de setembro

Sábado, 22 de setembro

Domingo, 23 de setembro

Segunda, 24 de setembro

Terça, 25 de setembro

Quarta, 26 de setembro

Quinta, 27 de setembro

Sexta, 28 de setembro

Sábado, 29 de setembro

Domingo, 30 de setembro

Segunda, 1 de outubro

Terça, 2 de outubro

Quarta, 3 de outubro

Quinta, 4 de outubro

Outubro

Segunda, 8 de outubro

Terça, 9 de outubro

Quarta, 10 de outubro

Quinta, 11 de outubro

Domingo, 14 de outubro

Segunda, 15 de outubro

Terça, 16 de outubro

Quarta, 17 de outubro

Quinta, 18 de outubro

Sexta, 19 de outubro

Sábado, 20 de outubro

Domingo, 21 de outubro

Segunda, 22 de outubro

Terça, 23 de outubro

Quarta, 24 de outubro

Quinta, 25 de outubro

Sexta, 26 de outubro

Sábado, 27 de outubro

Domingo, 28 de outubro

Sexta, 2 de novembro

Sábado, 3, domingo, 4, segunda, 5 de novembro

Terça, 6 de novembro

Sábado, 10 de novembro

Domingo, 11 de novembro

Terça, 13 de novembro

Quarta, 14 de novembro

Quinta, 15 de novembro

Segunda, 19 de novembro

Quinta, 22 de novembro

Sexta, 23 de novembro

Segunda, 26 de novembro

Segunda, 3 de dezembro

Quarta, 5 de dezembro

Quinta, 6 de dezembro

Sexta, 7 de dezembro

Domingo, segunda, terça & quarta: sendo a quarta-feira 12 de dezembro

Quinta, 13 de dezembro

Sexta, 14 de dezembro

Sábado, 15 de dezembro

Segunda, 17 de dezembro

1918

Sexta, 4 de janeiro

Sábado, 5 de janeiro

Domingo, 6 de janeiro

Segunda, 7 de janeiro

Terça, 8 de janeiro

Quarta, 9 de janeiro

Quinta, 10 de janeiro

Sexta, 11 de janeiro

Sábado, 12 de janeiro

Segunda, 14 de janeiro

Sexta, 18 de janeiro

Segunda, 21 de janeiro

Quarta, 23 de janeiro

Quinta, 24 de janeiro

Sexta, 25 de janeiro

Domingo, 27 de janeiro

Segunda, 28 de janeiro

Terça, 29 de janeiro

Quarta, 30 de janeiro

Quinta, 31 de janeiro

Sexta, 1 de fevereiro

Sábado, 2 de fevereiro

Domingo, 3 de fevereiro

Segunda, 4 de fevereiro

Terça, 5 de fevereiro

Sábado, 2 de março

Domingo, 3 de março

Segunda, 4 de março

Terça, 5 de março

Quarta, 6 de março

Quinta, 7 de março

Sexta, 8 de março

Sábado, 9 de março

Segunda, 11 de março

Terça, 12 de março

Quinta, 14 de março

Sexta, 15 de março

Segunda, 18 de março

Quarta, 20 de março

Sexta, 5 de abril

Sábado, 6 de abril

Domingo, 7 de abril

Segunda, 8 de abril

Terça, 9 de abril

Quarta, 10 de abril

Quinta, 11 de abril

Sábado, 13 de abril

Quinta, 18 de abril

Sexta, 19 de abril

Domingo, 21 de abril

Sexta, 26 de abril

Quarta, 1 de maio

Sexta, 3 de maio

Sábado, 4 de maio

Domingo, 5 de maio

Segunda, 6 de maio

Terça, 7 de maio

Terça, 28 de maio

Quinta, 6 de junho

Sexta, 7 de junho

Segunda, 17 de junho

Segunda, 24 de junho

Quinta, 27 de junho

Segunda, 1 de julho

Terça, 2 de julho

Quinta, 4 de julho

Terça, 9 de julho

Quarta, 10 de julho

Sexta, 12 de julho

Terça, 16 de julho

Quinta, 18 de julho

Terça, 23 de julho

Sábado, 27 de julho de 1918

Sábado, 27 de julho

Segunda, 29 de julho

Quarta, 31 de julho

Sábado, 3 de agosto

Domingo, 4 de agosto

Quarta, 7 de agosto

Quinta, 8 de agosto

Segunda, 12 de agosto

Sexta, 16 de agosto

Segunda, 19 de agosto

Sábado, 24 de agosto

Terça, 27 de agosto

Terça, 3 de setembro

Domingo, 8 de setembro

Terça, 10 de setembro

Quarta, 18 de setembro

Quarta, 2 de outubro

Segunda, 7 de outubro

Sábado, 12 de outubro

Terça, 15 de outubro

Sexta, 18 de outubro

Quarta, 23 de outubro

Quinta, 24 de outubro

Sábado, 26 de outubro

Segunda, 28 de outubro

Quarta, 30 de outubro

Domingo, 3 de novembro

Segunda, 4 de novembro

Sábado, 9 de novembro

Segunda, 11 de novembro

Terça, 12 de novembro

[Fim do volume]

Sexta, 15 de novembro

Quinta, 21 de novembro

Sábado, 30 de novembro

Terça, 3 de dezembro

Sábado, 7 de dezembro

Terça, 10 de dezembro

Segunda, 16 de dezembro

Terça, 17 de dezembro

Créditos

Notas

Quando se abre este primeiro volume, Virginia e Leonard, que haviam se casado em 1912, estão morando em Richmond, cidade a meia hora de trem de Londres. Alugavam cômodos em uma casa no lado leste do Green Park, número 17, cuja dona era a belga Mrs. Le Grys, e em março alugariam a Hogarth House, onde fundariam sua editora dois anos mais tarde. No primeiro dia do ano de 1915, Virginia, uma jovem de 33 anos, recém-casada e ainda não publicada, retoma a escrita de um projeto de diário que havia interrompido no final da adolescência.

As lacunas são um dos principais traços desse início. A vontade de usar o diário como terreno para se consolidar como escritora vê-se agora barrada por dois colapsos mentais que sofreu, primeiro em 1913 (e do qual mal estava recuperada em 1915, quando começa o volume) e em seguida um mês e meio depois de iniciá-lo. Virginia ainda está encontrando, com grandes dificuldades, sua voz literária e uma forma para o seu diário. Até 1919, ele assumirá o rosto que terá nos anos posteriores, abarcando às vezes em um mesmo parágrafo comentários domésticos, análises literárias e dos acontecimentos da época, trivialidades e trechos de extrema beleza – a aridez do cotidiano lado a lado com o questionamento do espírito. Grande leitora do gênero que é, e com um projeto muito claro para seu diário, Virginia o retira do estereótipo de texto confessional e o transforma em um campo de testes para seus experimentos, usando-o principalmente para *observar sempre*: o mundo, os outros e, em especial, a si mesma. O diário neste início é inclusive muitas vezes lido por Leonard, a pedido da própria Virginia, e há uma ocasião em que ele chega a escrever uma das passagens.

Virginia Woolf está prestes a publicar seu primeiro romance, *A viagem*, mas só menciona o assunto uma vez. Isso não significa que não fosse fonte de angústia. Supõe-se que a expectativa da publicação tenha sido, até mesmo, um dos gatilhos do seu segundo colapso, em fevereiro de 1915, seis semanas depois de iniciar esse diário. O hiato que se segue na escrita será de quase dois anos, uma vez que esse colapso foi um dos piores para Virginia.

Ela tenta o suicídio e é internada. Leonard chega a duvidar se um dia ela se recuperaria, mas então em 1916, aos poucos, Virginia começa a se recobrar.

A escrita é retomada apenas em 1917. No início do verão desse ano, o casal fora passar uma temporada em Asheham, a casa de campo que alugavam no interior da Inglaterra. Ali ficaram até outubro. Durante todo esse período,

Virginia manteve um pequeno caderno. As anotações beiram o taquigráfico e são assombrosamente diferentes das entradas de 1915. Quase nunca ultrapassam um ou dois parágrafos e são frequentemente formadas por frases curtas em períodos simples. À maneira de um boletim, resumem-se a registrar o tempo, a natureza, as atividades cotidianas – como comprar mantimentos e outras relacionadas à Primeira Guerra (como buscar cogumelos no bosque para enfrentar o racionamento de alimentos). De certa maneira, a voz narrativa que ela vai reencontrando após o colapso de 1915 nasce em Asheham, nesse discurso resumido e colado aos fatos.

Um fato relevante a se observar é que em 1917 Virginia e Leonard Woolf fundam a Hogarth Press. A Hogarth foi não apenas uma maneira de editarem os próprios textos e os de amigos, mas também de publicarem livros que, pela sua ausência de apelo comercial, teriam poucas chances de serem aceitos nas grandes editoras. Como membro do grupo de Bloomsbury,^[04] Virginia Woolf ocupava agora um ponto de vista privilegiado, no centro da produção literária da Inglaterra de sua época – e não apenas como escritora, mas também como fomentadora. As atividades da Hogarth Press contribuíram para aprofundar a circulação de concepções artísticas e ideias que, de outro modo, dificilmente encontrariam canal de difusão. Do ponto de vista pessoal, Woolf se viu envolvida em diversas organizações, como os Omega Workshops de Roger Fry, a Women’s Co-operative Guild e o Women’s Institute de Rodmell.

O presente volume termina em 1918, em meio à epidemia de gripe espanhola e com o fim da Primeira Guerra Mundial. A quatro anos de distância do romance que primeiro a consagrou entre os autores modernistas, *O quarto de Jacob*, Virginia Woolf perseguia uma forma literária que melhor se adequasse às suas concepções de vida e de arte.

Uma nota sobre o diário de Asheham

No ano de 1917, o processo de escrita do diário foi um tanto confuso, pois Virginia manteve quatro cadernos diferentes – do qual Asheham foi apenas o primeiro. Em outubro desse ano ela volta a Richmond e deixa em Asheham aquele caderno. Portanto, abre em Hogarth House um novo volume, que escreve até 3 de janeiro de 1918. Em 4 de janeiro ela abre um novo volume, que escreve até 23 de julho, e por fim, de julho a novembro, escreve ainda em outro caderno. Porém, ao longo de todo esse período, sempre que vai a Asheham faz anotações no diário que deixara ali – até que este acabe, em 6 de outubro de 1918. Isso significa que ela continua escrevendo em Asheham ao mesmo tempo em que escreve em seus outros diários “principais”, cujas entradas possuem um estilo bastante diverso do

dele: são mais alongadas, e muito mais parecidas com o rosto que seu diário viria a assumir com firmeza a partir de então. O resultado é que muitas vezes, no mesmo dia, existem entradas escritas em mais de um caderno, com estilos diferentes.

A edição de Anne Olivier Bell excluiu mais da metade das entradas do caderno que Virginia Woolf escreveu em Asheham, conservando apenas as que são anteriores ao processo de escrita concomitante. A partir do momento em que Virginia começa a escrever em outros diários, as entradas de Asheham são desconsideradas e muitas vezes não há menção a elas. Asheham é, portanto, um caderno que não foi publicado comercialmente nem mesmo em inglês. A Editora Nós pretende editá-lo como um volume separado, a partir do trabalho com os manuscritos originais.

Em seu ensaio “Da tradução como criação e como crítica”, de 1962, Haroldo de Campos afirma que ao tradutor criativo caberia a criação de um projeto de leitura que apresente uma crítica do texto original ao mesmo tempo em que se insira no tempo, em sua própria época. Em consonância com essa visão, o poeta, tradutor e ensaísta Henri Meschonnic afirma que a teoria, a crítica, a prática são na tradução inseparáveis, uma vez que traduzir não é enfrentar uma língua, mas seu acontecimento enquanto discurso, passível da crítica do sujeito que o interpreta e traduz.

Do ponto de vista pessoal, tais questões literalmente tomaram corpo quando me vi diante dos originais de uma obra que conhecia na forma de um texto impresso e impessoal. Ter a oportunidade de estar frente a frente com a escrita de Virginia Woolf em uma obra que, em princípio, tinha cunho íntimo e não fora destinada à publicação, transformou radicalmente o trabalho que eu vinha realizando até então. Diante das pausas, dos borrões (de choro? de tinta?), da fisicalidade dos volumes encadernados à mão, da letra que falha, desaba pela página ou corre livre com capricho e enlevo, o distanciamento já não era mais possível para mim. Entendi, talvez pela primeira vez de modo concreto, a *apropriação literária* de um texto por um tradutor, necessariamente subjetiva. Isso me levou a assumir (e não mais esconder) a posição de uma intérprete do século XXI, de um país à margem e de uma língua não canônica, para um texto do século XX, escrito por uma autora canônica de um país colonizador. Como não poderia deixar de ser, o texto que ora se apresenta aqui é fruto exatamente desse corpo a corpo.

Isso não me levou a abandonar a minha opção (aparentemente contraditória) de manter a maior proximidade que me fosse possível daquele original. Procurei reproduzir a velocidade, o ritmo, a beleza sonora, a estranheza, a dificuldade e o impacto dos diários de Woolf. Para isso, escolhi resgatar a sua forma gráfica original (devolvendo a continuidade que foi quebrada na edição de Anne Olivier Bell com a inserção de novos parágrafos e entradas). Para denotar a rapidez da escrita, mantive o uso de “&” do original, em vez de “e”, fazendo assim uma escolha estrangeirizante, posto que no português não faz sentido tal abreviação feita nos textos escritos velozmente na língua inglesa: a grafia de “e” já é pequena o suficiente e não constitui um impedimento para o fluir da caneta. Da mesma maneira, como o texto do diário não foi revisado por Virginia Woolf,

e se trata de um texto inacabado, busquei reproduzir no português suas repetições; o uso de numerais grafados como algarismos e não por extenso; o uso ocasional de abreviações (“Ly” em vez de “Lady”, “Sqre” em vez de “Square”, o uso de iniciais para se referir a pessoas etc., inserindo o termo completo entre colchetes ou notas de rodapé se considerava que isso deixava o texto misterioso demais); a pontuação estranha (com ausências de vírgulas, ou profusão de vírgulas em lugares não convencionais); e os parênteses que por vezes são abertos e esquecidos por fechar.

Gostaria de encerrar com uma breve observação sobre a velocidade com que o diário foi escrito. É assombrosa a quase ausência de rasuras e o acabamento primoroso desse texto, que do meu ponto de vista só se explicam pela história pessoal de Woolf – pelo fato de ela escrever muito, diferentes gêneros, e desde uma tenra idade (no mínimo desde os 8 anos de idade). Mary Hutchinson, amiga da autora, comenta algo que pode iluminar esse aspecto. Ao conhecer Virginia Woolf, em 1918, ela assim escreve para Lytton Strachey: “Para mim, o maior encanto de Virginia é que ela falava frases que em geral só encontramos por escrito. Frases perfeitamente literárias, ditas sem a menor hesitação ou embaralhamento. Sentíamos empolgação em ouvi-la mesmo quando ela só estava pedindo por mais leite. Por mais estranho que pareça, era como estar dentro de um romance”. [\[05\]](#)

NOTA SOBRE A TRADUTORA

Ana Carolina Mesquita, tradutora, é doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e autora da tese que envolveu a tradução e análise dos diários de Virginia Woolf. Foi pesquisadora visitante na Columbia University e na Berg Collection, em Nova York, onde estudou modernismo britânico e trabalhou com os manuscritos originais dos diários. É dela também a tradução do ensaio “Um esboço do passado”, publicado pela Editora Nós em 2020.

1915

Sexta, 1 de janeiro

Tivesse este diário se iniciado do jeito correto, começaria no último dia do ano passado, quando, durante o café da manhã, recebi uma carta de Mrs. Hallett. Ela informava que fora obrigada a dispensar Lily^[06] sem sobreaviso, devido a seu mau comportamento. Naturalmente desconfiamos que se referisse a um tipo específico de mau comportamento; um jardineiro casado, arrisquei. Passamos o dia inteiro incomodados com nossas especulações. Agora de manhã escuto a história da própria Lily. Ela escreve, bastante calma, que saiu da casa de Mrs. Hallett porque fora “insultada”; tendo recebido um dia e uma noite de folga, voltara às 8h30 da manhã, “não cedo o suficiente”. Qual a verdade? Esta, imagino: Mrs. H. é uma velha rabugenta, meticulosa, de fato tirânica com os criados, como sabemos; & Lily honestamente não fez por mal. Mas escrevi para mais detalhes – outra senhora deseja uma carta de recomendação imediatamente. Então tive de escrever para Mrs. Waterlow^[07] sobre as taxas da limpeza da chaminé que nos foram empurradas, uma carta tal como é própria de um caráter forte, mas não do fraco. Então caminhamos até a Co-Ops^[08] em meio ao frio e à chuva para protestar contra a contabilidade deles. O gerente, um rapaz entediado & lânguido, repetia coisas em vez de se defender. No caminho de volta escutamos “encouraçado inglês... encouraçado inglês” & descobrimos que tinham afundado o *Formidable* no canal. Não conseguimos dormir na noite passada por causa dos sinos do Ano Novo. De início pensamos que estivessem tocando devido a uma vitória.

Sábado, 2 de janeiro

Este é um daqueles dias que eu haveria de selecionar, se fosse possível escolher uma amostra perfeitamente comum da nossa vida. Tomamos o café da manhã; converso com Mrs. Le Grys. Ela se queixa do enorme apetite dos belgas & do gosto deles por comida frita na manteiga. “Eles nunca dão *nada* a ninguém”, comentou ela. O conde, que esteve com eles na ceia de Natal, insistiu em comer um terceiro prato depois do porco e do peru. Portanto, Mrs. Le G. torce para que a guerra termine logo. Se comem assim no exílio, como não devem comer na terra deles?, pergunta-se ela. A seguir, L. & eu nos acomodamos para a nossa escrevinhação. Ele termina a resenha de Folk Story [*Village Folk Tales of Ceylon*], & eu redijo cerca de quatro páginas da história da pobre Effie;^[09] almoçamos; & lemos os jornais, concordando que não há nenhuma novidade. Leio *Guy Mannering* lá em cima por uns vinte minutos; & então levamos Max [o cachorro] para passear. A meio caminho da ponte, vimo-nos impedidos de cruzar por causa do rio,

que subia visivelmente em um leve ondear, como o pulsar de um coração. Dito & feito: a rua de onde viéramos se viu atravessada, cinco minutos depois, por um regato com vários centímetros de profundidade. Uma das coisas estranhas do subúrbio é que as mais horrendas dessas casinhas vermelhas estão sempre alugadas, & não há uma que tenha uma janela aberta ou sem cortina. Suponho que as pessoas devam se orgulhar dessas cortinas, & que exista uma grande rivalidade entre os vizinhos. Uma das casas tinha cortinas de seda amarela, entremeadas de renda. Lá dentro os cômodos deviam estar quase na escuridão; & imagino que tenham um fedor de carne & de seres humanos. Creio que ter cortinas deva ser sinal de respeitabilidade – Sophie costumava insistir nisso.^[10] Em seguida fiz minhas compras. Sábado à tardinha é a melhor hora para as compras; & alguns balcões ficam cercados por três filas de mulheres. Sempre escolho as lojas vazias, onde suponho que pagamos $\frac{1}{2}$ [*pence*] a mais por quilo. E então tomamos o chá, com mel & creme; & agora L. está datilografando seu artigo; & devemos ler à noitinha & depois ir nos deitar.

Domingo, 3 de janeiro

É estranho como as antigas tradições há tanto tempo enterradas, como se poderia julgar, de súbito irrompem novamente. Em Hyde Park Gate costumávamos reservar as manhãs de domingo para limpar o faqueiro de prata. Aqui eu me vejo reservando as manhãs de domingo para estranhas tarefas – hoje foi digitação – & arrumar o quarto – & fazer as contas, que estão um tanto complicadas esta semana. Tenho três saquinhos de moedas, & cada um deve ao outro alguma coisa. Fomos a um concerto no Queen's Hall à tarde. Considerando que meus ouvidos estavam virgens de música há algumas semanas, creio que o patriotismo é uma emoção baixa. Com isso quero dizer (estou escrevendo apressada, esperando Flora^[11] para jantar) que tocaram um hino nacional e outro religioso, mas senti apenas uma total ausência de emoção em mim & nos outros. Se os britânicos falassem abertamente sobre a cópula & os banheiros, então talvez fossem capazes de se afetar com as emoções universais. Porém, do jeito como estão as coisas, qualquer apelo de união acaba inevitavelmente sufocado pela interferência de sobretudos e casacos de pele. Começo a odiar meu semelhante, principalmente quando olho seus rostos no metrô. É fato: dá-me mais prazer olhar para a carne vermelha crua & os arenques prateados. Mas enfim, tive de esperar quarenta minutos de pé na estação de Charing Cross, & portanto cheguei tarde em casa, & não vi Duncan [Grant], que veio visitar. Ademais, Londres agora nas noites de domingo, com todas as suas lâmpadas elétricas embaçadas de tinta azul, é o mais lúgubre dos lugares.

Tem ruas compridas de cor lamacenta, & a luz do dia mal é suficiente, & a luz elétrica nem isso, para ver o céu desnudo, que é inexpressivamente frio e insípido. [12]

Segunda, 4 de janeiro

Não gosto da voz judia; não gosto da risada judia: fora isso acho (parafrazeando Saxon [Sydney-Turner]) que Flora Woolf tem seus méritos. Ela sabe datilografar, estenografar, cantar, jogar xadrez, escrever artigos que às vezes acabam publicados, & ganha 30 xelins por semana como secretária da Igreja da Escócia em Londres. E por praticar essas diversas artes viverá até uma idade bem avançada, como um homem que joga com cinco bolas de bilhar.

O mundo exterior estourou sobre nós num clamor esta manhã. 1. Recebi uma carta de Mrs. Hallet. 2. Recebi uma carta de Lily. 3. L. recebeu um documento de Sydney Waterlow. Segundo Mrs. Hallet, Lily escondeu um soldado na copa; também se encontrou com soldados no portão; & portanto a casa de Mrs. Hallet ficou malfalada na cidade, além disso a própria Mrs. Hallet se alarmou, “visto que só há mulheres em casa”. Lily confessa apenas que falou com um irmão, mas acrescenta que Mrs. H. está muito doente e muito velha. Quanto à carta de Sydney – estou tão irritada que nem consigo descrevê-la. A casa estava suja – quatro pessoas esfregando sem parar durante uma quinzena conseguiram apenas deixá-la habitável & blablablá – mas tudo isso ele teria sofrido em silêncio se não fosse meu bilhete. Portanto escrevi para ele, & escrevi para Lily – & só depois de passar algum tempo fraseando sentimentos virtuosos com linguagem nobre é que vejo com clareza como os funcionários públicos vão se tornando insensíveis e envernizados. Para Lily eu disse que ela precisa me prometer que irá se comportar melhor se eu lhe escrever outra carta de recomendação – pois tenho certeza de que a pobre Mrs. Hallet & sua velha irmã trêmula devem estar ouvindo vozes de soldados sempre que um vento atravessa os loureiros. Philip [Woolf] veio depois do almoço, pois tem quatro dias de dispensa. Está farto de combater – contou-nos histórias de estupidez militar inacreditáveis. Outro dia decretaram um homem culpado por deserção & o condenaram; depois descobriram que o tal homem não existia. O coronel diz “gosto de jovens bem-vestidos – cavalheiros” & se livra dos recrutas que não atingem esse nível. Além disso, a demanda por cavalaria no front esgotou-se, & portanto eles provavelmente terão de ficar em Colchester para sempre. Outro dia escuro & chuvoso. Um avião passou acima.

Terça, 5 de janeiro

Esta manhã recebi uma carta de Nessa, chamando Mrs. Waterlow de *hausfrau* alemã & aconselhando-nos a não pagar nem um centavo: o asseio é um fetiche que não se deve idolatrar, diz ela. Certamente nenhuma de nós duas o idolatra; suponho que Mrs. W. tenha corrido pela casa com um espanador & passado o dedo embaixo das camas. Bem posso imaginar a lista de descobertas que terá apresentado a Sydney, enquanto ele fumava lendo a filosofia dele; & como deve ter xingado a maldita vaca da Virginia Woolf. Por outro lado, para os criados é uma questão de honra achar imunda a casa onde entram & deixá-la brilhando como um brinco. Mas basta dos Waterlow & de seus penicos. [13] Trabalhamos como de costume: como de costume, choveu. Depois do almoço demos uma volta no Old Deer Park, & notamos o quanto o nível do rio tinha subido graças a uma fileira de palha cortada; & que uma grande árvore caíra no caminho de sirga, esmagando o gradil. Três corpos foram encontrados ontem em Teddington deslizando rapidamente rio abaixo. Será que o clima inspira suicídio? O *Times* trouxe um artigo estranho sobre um acidente ferroviário, no qual dizia que a guerra nos ensinou um senso adequado da proporção da vida humana. Sempre pensei que dávamos a ela um valor excessivo; mas nunca pensei que o *Times* fosse dizê-lo. L. foi a Hampstead para a primeira de suas palestras na Women's Guild. [14] Não parecia nervoso: está falando nesse exato momento. Acreditamos que o velho Mr. Davies [15] esteja nas últimas – mas tenho a impressão de que ainda irá resistir anos a fio, muito embora deseje morrer & sua vida poupe Margaret de muito trabalho. Comprei minha carne e meu peixe na High Street – uma tarefa degradante, mas um tanto recreativa. Não gosto da visão de mulheres indo às compras. Elas as levam a sério demais. Depois comprei um ingresso na Biblioteca, & vi todos os atendentes & modistas esfarrapados folheando os jornais ilustrados, parecendo abelhas muito acabadas sobre flores muito acabadas. Ao menos estavam aquecidos & secos: & hoje vai chover de novo. Os belgas de baixo estão jogando cartas com alguns amigos & conversando – conversando – conversando – enquanto seu país é destruído. Afinal, não têm mais nada o que fazer...

Quarta, 6 de janeiro

Os Waterlow de novo: Lily de novo. Dessa vez Mrs. W. escreve para Leonard, sobre o forno, & conclui dizendo o quanto se sente aborrecida de pensar que estamos contrariados – haja vista o quanto eles consideram Asheham adorável. É esquisito que as duas senhoras dessa correspondência escrevam para os dois senhores – instintivamente pressentindo, creio eu, que caso escrevessem uma para a outra todo esse incidente acabaria se tornando muito mais ácido. A carta de Lily continua a história do soldado escondido.

Ela faz com que eu enxergue Lily com muita clareza à minha frente, com seus olhos encantadores, bobos, de cachorro, incapaz de ferir uma mosca ou de ter um pensamento grosseiro, & contudo eternamente condenada a sofrer pelos pecados das personalidades mais fortes. Nesse caso, Lily estava à mercê de uma das arrumadeiras, que convidava os soldados, & não teve presença de espírito nem para ser rude com eles quando eles vinham, nem para “contar histórias sobre uma colega criada”. “Prefiro fazer qualquer coisa menos isso” – & assim, imagino, foi como aliás ela teve seu filho. Enfim, “falei” em prol dela mais uma vez, & ela me prometeu que não irá mais se meter com soldados. L. saiu às 10h da manhã para dar sua segunda palestra em Hampstead. A primeira foi um grande sucesso, como eu sabia que seria. Ele considera as mulheres muito mais inteligentes do que os homens; de certa maneira inteligentes demais, & por isso tendem a não enxergar o cerne das questões. Dará mais uma esta tarde, portanto ficará em Hampstead, almoçará com Lilian & talvez se encontre com Janet [Case]. Ninguém, a não ser uma pessoa bastante modesta, trataria essas trabalhadoras, & Lilian & Janet & Margaret, como ele trata. Clive [Bell], ou melhor, qualquer outro jovem culto, se arrogaria ares de importância; & por mais que as admirasse fingiria o contrário. Escrevi a manhã inteira, com infinito prazer, o que é estranho, pois o tempo todo sei que não existe motivo para me sentir satisfeita com aquilo que escrevo, & que daqui a seis semanas ou mesmo dias irei odiá-lo. Então fui para Londres, & perguntei sobre cômodos no Gray Inns. Tinham um conjunto vago; & eu no mesmo instante vislumbrei toda espécie de encantos, & deixei-me entrar com um estremecimento de empolgação. Porém, o lugar seria perfeito para uma pessoa, & impossível para duas. Há dois quartos perfeitos, que dão de frente para os jardins, mas basicamente é tudo. A Grays Inn Road tropeja atrás de um deles. Em seguida vi um apartamento na Bedford Row que prometia maravilhas, mas ao inquirir os agentes, disseram que tinham instruções para somente o alugarem mobiliado – & agora, logicamente, estou convencida de que não existe apartamento igual em Londres! Eu poderia vagar pelas ruas anoitecidas de Holborn e Bloomsbury durante horas. As coisas que se vê – & se adivinha – o tumulto & a confusão & a pressa... Ruas apinhadas são os únicos lugares que me fazem, como-diria-na-falta-de-uma-palavra-melhor, pensar. Agora preciso decidir se volto para lá novamente, para uma festa na Gordon Square, onde as Aranyi irão tocar. Por um lado, encolho-me diante da viagem & de ter de me vestir; por outro sei que ao primeiro lampejo de luz no saguão da entrada & do burburinho das vozes me sentirei embriagada; & concluirei que nada na vida se compara a uma festa. Verei gente bonita & terei a sensação de estar na mais

alta crista da maior das ondas – bem no centro & no movimento de tudo. Por outro lado ainda, por fim, as noites aqui lendo à lareira – lendo Michelet & *O idiota*, fumando & conversando com L. no que pode se passar por camisola & chinelos – são divinas também. E como ele não irá insistir que eu vá, sei muito bem que não irei. Além do mais tem a vaidade: não tenho roupa para ir.

Quinta, 7 de janeiro

Não – não fomos à festa na Gordon Square. Leonard voltou muito tarde, & chovia, & no fundo não queríamos ir. As palestras foram um enorme sucesso. Uma senhora de idade disse a Leonard que elas hão de considerá-lo um amigo para o resto da vida; outra disse que ele era o único cavalheiro que falava de um modo que as mulheres da classe trabalhadora conseguiam entender. Ele explicou o que são letras de câmbio & coisas do tipo durante uma hora; & depois respondeu perguntas, que, de novo, foram espantosamente inteligentes. Saí depois do almoço hoje, primeiro para ir ao Foundling Hospital perguntar se podemos ficar com Brunswick Square – ou mesmo metade da casa; depois para a Omega comprar um xale para Janet, & depois para tomar o chá com Janet. ^[16] Mr. Chubb abriu a porta para mim no hospital. Estava sentado a uma escrivaninha numa sala bastante aquecida & confortável, com vista para o jardim; enquanto um funcionário desenhava plantas de casas numa mesa altíssima. Mr. Chubb está engordando. Ele me reconheceu & imediatamente tornou-se cortês ao extremo. Brunswick Square já está praticamente alugada para um funcionário público do Ceilão chamado Spence que, no entanto, talvez se interesse em alugar os dois andares superiores, que nos serviriam muito bem. Logicamente fiquei possuída pelo desejo de ficar com Brunswick Square. Mr. Chubb, que tem uma tranquilidade infinita & gosta de conversar, discutiu cada possibilidade. Pessoalmente ele não admirava os afrescos de Adrian, mas disse que a maioria das pessoas sim. O cavalheiro do Ceilão propôs cobri-los com uma cortina, sendo aparentemente da opinião de que eram bons demais para serem destruídos, embora não o bastante para serem olhados. ^[17] Nesse momento veio um secretário, também com um ar excessivamente educado ao ouvir o meu nome. “Mrs. Woolf certamente tem forte direito à casa”, ele disse. “E pessoalmente não creio que Mr. Spence tenha razão...” “Mas eu sim”, retrucou Mr. Chubb com firmeza. “Procurei o nome dele no diretório médico... além do mais, ele parece ser um bom homem”. “Certamente parece um bom homem”, concordou o secretário, “mas não sei... Contudo, com certeza seria contra as regras do jogo dar para trás na última hora.” “No último segundo, o senhor

quer dizer”, disse Mr. Chubb. Finalmente saí, depois de apertar as mãos de todos & implorar a Mr. Chubb que se esforçasse ao máximo e nos mantivesse informados. Eles me aconselharam a dar uma espiada numa casa na Mecklenburgh Square, coisa que fiz. É um lugar amplo, com um grande saguão, uma vasta escadaria; & poderíamos ficar com um apartamento no andar de cima – a única objeção seria o fato de que a Grays Inn Road fica nos fundos... Quando saí, chovia. Mesmo assim caminhei até a Omega & comprei das mãos de uma moça tola de túnica pós-impressionista o que necessitava. Fui a Hampstead, descobri que lá já estava uma senhora idosa, & fui até a estação, a fim de evitar tomar chá com Emphie; depois me deixaram subir para ver Janet. Ela está de cama, & terá de ficar de cama por semanas. Seus nervos estão totalmente deteriorados. Não consegue mais ler, nem fazer coisa alguma – calculo como deve ser – & como tantas vezes ela deve se sentir infeliz, principalmente porque está ficando velha, & Emphie deve ser cansativa, com suas repetições & suas imprecisões generalizadas & entusiasmadas, & depois, as cinzas do fim da vida... Mesmo assim, ela foi educada para ter coragem & é tão desprendida por natureza que se interessa verdadeiramente pelos outros. Conversamos sobre Leonard, & Lily, & a vida em Londres & os poemas de Hardy, que ela não consegue reler – melancólicos & sórdidos demais – & os temas não muito interessantes. Não concordo. Ficou tarde; & ela sugeriu que eu jantasse ali & fosse com L. ao debate pacifista na Women’s Guild. Não fui capaz de enfrentar o jantar, por isso bati em retirada para a Biblioteca Pública. No caminho peguei um dos piores aguaceiros da minha vida. Parecia mais uma chuva de pedras do que chuva normal. Meus sapatos chapinhavam tanto enquanto eu caminhava pela Biblioteca que senti vergonha. Então jantei num restaurante para cocheiros – o único que havia, & muito bom. Rústico, mas limpo & sóbrio. Às 8h encontrei L. no 28 da Church Row. As salas são velhas & cobertas com painéis de madeira brancos & antiquados; uma delas estava cheia de mulheres da classe trabalhadora. Foi um alento (depois de haver lido umas cartas horríveis sobre parto) ^[18] ver as mulheres gargalharem alto, como meninas de escola. Mr. Hobson [John Atkins Hobson, sufragista] palestrou – foi excelente. – As mulheres, impressionantes como de costume – porque parecem de fato sentir, & ter um enorme senso de responsabilidade. Outra carta de Mrs. Waterlow.

Sexta, 8 de janeiro

Sydney Waterlow veio almoçar conosco hoje para “ter certeza”, como ele disse, “de que não nos havíamos desentendido por esses assuntos detestáveis”. Não falamos de muito mais coisas durante uma hora & meia.

Minha primeira carta o fez passar a noite insone, segundo contou, muito embora Mrs. Waterlow, apesar da gravidez, dormisse a sono solto. Pelo que pudemos perceber, Mrs. W. age & escreve impulsivamente; quando Sydney parou para pensar, apavorou-se ao perceber que a atitude deles não fora ética & sensata. Refletiu muito tempo, dedicou uma manhã inteira à resposta, & aconselhou-se com diversos amigos, que por acaso concordam com ele que a limpeza das chaminés fica geralmente a cargo dos proprietários. “Mas devíamos ter pedido sua permissão – nisso concordo totalmente – é apenas que...” & blablablá; tudo isso no estilo simples & sólido que é tão típico dele. Seu corpo gordo & rosado sempre me dá a impressão de não ter ossos nem pelos, como o de uma criança gigantesca, & sua mente também. Mas ele tem certo encanto. Ele & L. saíram para um passeio. Fui à Chancellors, para saber se havia alguma novidade quanto à Hogarth. [19] De início o homem disse que não. Quando eu lhe contei que talvez alugássemos uma casa em Londres, ele de pronto admitiu que vira duas vezes Mrs. Wontner, a atual inquilina, & que ela não gosta da casa. Terá isso sido inventado, & se não, haverá algum bom motivo para ela não gostar da casa? Parece provável que teremos de escolher entre Brunswick & Hogarth – a menos que as duas nos falhem. Sydney voltou para o chá, & contou que Alice fora vê-los, & que ele imediatamente lamentou-a, “da mesma maneira que alguém se lamenta de uma bengala excelente – Ela estava tão bonita & feliz, com um bebê gordo & grande. A casa estava cheia de móveis nossos – como uma casa dos mortos para mim”. [20] Mas quando sugeri que a atual Mrs. W. sentiu-se incomodada, ele ficou surpreso. “Ela não é esse tipo de pessoa, de modo algum”, disse. “Ela é perfeitamente sensata...” Pode ser, mas se ela visse Sydney cobiçando a bengala, creio que... Sydney retrucou que Marg (como ele a chama) significava tão infinitamente mais para ele do que a bengala que ela não poderia sentir nada do tipo. Foi-se para Asheham. Eles desejam alugá-la por mais seis meses... Ele não tem nenhum trabalho, mas Asheham é tão agradável que ele se sente perfeitamente feliz de não fazer nada.

Sábado, 9 de janeiro

Às duas da manhã diversas barcaças atracadas no rio se soltaram. Uma bateu na ponte de Richmond & derrubou boa quantidade das pedras de um dos arcos – As outras foram a pique ou deslizaram correnteza abaixo. Menciono isso não por ter visto ou ouvido nada a respeito, mas porque notamos o estrago na ponte quando caminhávamos até Kingston esta tarde. A pedra está mais amarela na face de dentro do que na de fora, o que torna isso mais óbvio. Fizemos um ótimo passeio. Os campos arroxeados nos

arredores de Kingston lembraram-me não sei por que de Zaragoza. Há certo ar estrangeiro numa cidade que se ergue contra o poente & por onde se chega por uma trilha bastante percorrida que atravessa um campo. Por que instintivamente sentimos que estamos elogiando Kingston de um jeito descabido ao dizer que se parece com uma cidade estrangeira, eu não sei. No caminho de sirga topamos com uma longa fila de imbecis, por quem tivemos de passar. O primeiro era um rapaz altíssimo, estranho o bastante para nos fazer olhar para ele duas vezes, mas não mais que isso; o segundo arrastava os pés & olhava de soslaio; & então é que se percebia que cada criatura daquela longa fila era deplorável, imprestável & idiota, arrastando os pés, sem testa nem queixo, com um sorriso imbecil ou um olhar fixo insano & desconfiado. Foi absolutamente horrível. Eles deviam ser mortos com toda certeza. Encontramos uma feira em Kingston, como se fosse Marlborough. Compramos um abacaxi por 9d. O homem disse que todos tinham amadurecido em suas mãos &, como esperava um novo carregamento na terça, teve de vendê-los a preço de custo. Tomamos um chá horrendo em um lugar extremamente pretensioso. Voltamos de trem com um operário & dois meninos pequenos. O operário começou a nos contar sobre os escândalos do contrato de carne da Lyons; [21] & nos disse que trabalhava no departamento de aviação de Hounslow. Era muito inteligente, & poderia ter sido um parlamentar ou no mínimo um jornalista. Vi que Will Vaughan foi citado no *Times* afirmando que os professores negligenciam a gramática das línguas modernas & falam demais em estilo & literatura, mas que nada fortalece tanto o caráter & o espírito quanto a gramática. Tão típico dele!

Domingo, 10 de janeiro

Estava sentada datilografando esta manhã quando ouvi baterem à porta; & surgiu alguém que de início julguei ser Adrian: contudo, era Walter Lamb, recém-chegado de uma visita ao rei. Sempre que encontra o rei ele vem aqui nos contar. Insistiu que fôssemos dar um passeio com ele no Richmond Park. Sobre o que conversamos? Esquecemos o rei, & Walter nos contou uma história comprida & de uma inexpressividade pavorosa que o professor Houseman lhe contara, sobre a ineficiência dos soldados franceses. Tudo o que Walter diz tem a mesma superfície plana, lisa & cinzenta; bastaria a sua voz para embotar a poesia mais inflamada do mundo. Não que ele lide com poemas inflamados. Sua vida agora é entre os respeitáveis, semi-inteligentes & ricos, que ele de certo modo despreza, de modo que seus relatos são sempre um pouco condescendentes. A única paixão de sua vida são os edifícios do século XVIII. O tempo inteiro esta manhã ele nos

convidava a admirar uma sanca ou esquadria de janela ou mesmo uma “claraboia”. Aparentemente “inspeciona” qualquer casa para alugar & repara nas decorações do interior. Sabe quem hoje mora nos casarões & quem um dia os habitou. Adequa-se perfeitamente a Kews, & à Academia Real, & à Família Real. À porta de nossa casa ele desatou um longo relato sobre sua última visita à realeza, quando o rei, que agora o trata como um amigo (ou antes, segundo Leonard, como um laçao de ordem superior), parou subitamente de admirar os quadros & perguntou à princesa Victoria onde ela conseguia sua dentadura. “A minha”, George exclamou, “está sempre caindo no meu prato: da próxima vez vai escorregar pela minha garganta abaixo. Meu dentista é um malandro. Vou desistir dele.” Victoria então deu um puxão nos seus dentes de cima & disse a ele que melhores que isso impossível – eram perfeitamente brancos & úteis – O rei então retornou a seus quadros. O estilo de conversa dele me lembra o de George III no diário de Fanny Burney – & portanto é preciso agradecer a Walter por alguma coisa – Ele recusou-se a almoçar conosco, dizendo que passara à base de faisão a semana inteira & que não podia comer ruibarbo, por conta da acidez. Choveu pesado a tarde inteira, & agora Marjorie Strachey,^[22] que vinha jantar conosco, não pode mais vir por causa de um resfriado. Soube ontem à noite por Mr. Chubb que o velho Spence não irá alugar parte alguma de Brunswick...

Segunda, 11 de janeiro

Leonard estava tomando banho esta manhã, & eu deitada na cama, decidindo se esticava ou não o braço para apanhar o *Rob Roy*, quando ouvi uma comoção no vizinho & depois alguém correndo escada abaixo gritando numa voz estranha & anormal, “Fogo! Fogo!”. Como era óbvio que a casa não estava pegando fogo, não extensamente pelo menos, vesti meu impermeável & os chinelos antes de espiar pela janela. Então senti cheiro de papel queimado. Então fui ao corredor, & vi fumaça escapando pela porta aberta do quarto ao lado. Como era evidente que havia tempo para escapar, recuei; então ouvi Lizzy voltando com o inquilino, & a ouvi dizer, “Eu só botei um papelzinho para acender o fogo...”, & disso adivinhei o que havia acontecido. “Mais dez minutos & o quarto estaria em chamas”, disse o inquilino. L. voltou; & pela nossa janela vimos um enorme biombo japonês coberto de chamas, ardendo no gramado. Mais tarde, soube que o papel tinha pegado fogo; que a tapeçaria da prateleira da lareira tinha pegado fogo; que o biombo tinha pegado fogo; que o madeiramento tinha pegado fogo. Como todos os cômodos da casa são revestidos de madeira seca & velha, coberta ligeiramente com papel de parede, creio que dez minutos

bastariam para que o fogo passasse do nível das jarras d'água – O inquilino estava apavorado, também, por causa de seus tapetes incalculáveis, que “valem centenas & centenas”, segundo Mrs. Le Grys. Espantoso é termos escapado, considerando-se Lizzy. Ontem ela destroçou duas peças maravilhosas de porcelana para nós. Fomos a Londres à tarde: L. para ver o editor do *New Statesman* a respeito de um artigo sobre diplomacia – eu para ver um apartamento na Mecklenburgh Square. Nós nos encontramos inesperadamente na Mecklenburgh Square. Ao chegarmos à casa, porém, o ocupante recusou-se a nos deixar entrar para vê-la. Portanto, tivemos de apelar à proprietária, que mora a algumas casas dali. Fomos apresentados a um lindo cômodo terrivelmente desfigurado por cortinas de veludo, gigantescas almofadas cor de púrpura & o enxame costumeiro de objetos dourados & amarelo-limão. A mulher em questão estava sentada numa cadeira de rodas, como se estivesse num cadeirão de bebê, com uma barra protetora. Seu cabelo (uma peruca de linho) estava emplastrado dos dois lados da cabeça & ela exibia a típica aparência gorducha empoadada & cheia de rugas das senhoras de Bloomsbury. Isso sempre nos deixa fisicamente desconfortáveis. Era bastante sensata, no entanto; suponho que uma mulher de negócios, dona de diversas casas que, tenho certeza, gerenciava a um bom lucro. Fomos conduzidos por uma velhinha encarquilhada bastante simpática, que desfigurara a parte dela da casa até que beirasse o irreconhecível – A sala de estar, principalmente, onde ela afixara suas extravagâncias, fazia os olhos dispararem com tantas coisinhas inumeráveis, díspares & tenebrosas – dois montes de bandeiras dispostas sobre as mesas impressionaram-me particularmente. Havia bandeiras de todas as nações, imagino; & todas as fotos de todas as famílias reais. Era como olhar num caleidoscópio, devido aos inumeráveis pontos distintos de cor – que não eram cor, entretanto. Fui à biblioteca Days & L. à London Library. Ele precisa escrever um artigo de 1200 palavras até quarta à tarde sobre diplomatas – Um assunto maravilhoso, seja como for.

Terça, 12 de janeiro

Hoje o dia não começou com um incêndio. Porém Leonard teve de repreender Mrs. Le Grys severamente pelos pecados de Lizzy. A coitada da mulher só pôde concordar. Uma vez que sabe que vai ser dispensada, não dá importância a quantos pratos quebra – ah, se pudesse ser logo dispensada. Mrs. Le Grys acha impossível arrumar outra criada; porém ela só lhes paga £16 por semana.

Cecil ^[23] veio almoçar, à paisana, reparei. A verdade é que os dois estão completamente fartos do exército & não veem chance de irem para o front.

Cecil, no entanto, pensa em seguir carreira militar, porque a vida é melhor do que a de um advogado. Por outro lado, ele & Philip talvez acabem sendo enviados às colônias. O mais estranho na família Woolf, para mim, é sua extrema frouxidão. Na minha família, as conversas & alvoroços em relação à menor das mudanças no modo de vida de alguém eram infundáveis; já para os W. tornar-se fazendeiro, fugir com a mulher de outro homem ou casar-se com a filha de um alfaiate judeu polonês parece não ter importância. Lembro como tia Mary escondeu com todo o cuidado o fato de que a garota de Hervey era uma espécie de comerciante, & o quanto ela não descansou até o noivado terminar. [24] Talvez os W. não tenham uma tradição familiar. Enfim, existe nisso uma sensação de liberdade. De tudo isso, obviamente não tenho nada a dizer. L. & Cecil foram a pé até Kingston depois do almoço; eu dei umas voltas comprando pequenos fragmentos de carne & legumes, & emprestei alguns livros da biblioteca. Creio que iremos achá-la mais útil do que a London Library, já que ninguém exceto nós dois lê livros volumosos. L. agora está escrevendo seu artigo sobre diplomacia & eu preciso datilografar. Um dia inteiro bom, para nosso espanto.

Quarta, 13 de janeiro

Provoquei uma pequena discussão (com L.) esta manhã tentando cozinhar o café da manhã na cama. Acredito, no entanto, que o bom senso desse procedimento irá prevalecer; isto é, desde que eu consiga me livrar das cascas de ovo. L. saiu para o escritório da *New Statesman* de manhã com seu artigo. Almocei aqui, & depois fui à Days apanhar mais livros. A Days às 4h da tarde é o refúgio das senhoras elegantes, que querem orientações quanto ao que ler. Grupo mais desprezível de criaturas nunca vi. Chegam cobertas de pele como focas & perfumadas como gambás, dignam-se a atirar ao balcão alguns romances ao acaso & depois exigem saber languidamente se ali tem *alguma coisa* interessante. Os funcionários da Days são os homens mais humildes e servis que existem – Rebocam essas condessas envelhecidas & essas jovens milionárias arrumadas atrás de si, sempre deferentes & em meio a uma profusão de “vossas senhorias”. O West End londrino enche-me de aversão; olho os carros a motor & vejo os figurões gordos ali dentro, como joias corpulentas em estojos de veludo. As tardes agora têm uma aparência pálida & alongada, como se não fosse nem inverno nem primavera. Volto para o chá. L. chega – depois de ir a Gordon Square & ver o Maynard [Keynes] (que diz que a economia alemã está em ruínas) & o Saxon, que está se recuperando da gripe. Como ele estava com dor de cabeça, em vez de ir à reunião da Co-op. ficaremos em casa.

Quinta, 14 de janeiro

Fomos despertados esta manhã (já vejo que isso se tornará uma frase feita, como “Era uma vez” num conto de fadas) por um barulho surdo & pulsante, como se um ônibus estivesse no teto, tentando dar a partida. A experiência nos diz agora, contudo, que Lizzy simplesmente acendeu um fogo enorme na cozinha, ao ver que não havia água nos canos. Quando L. abriu a torneira saiu fumaça, como se fosse o dragão de Siegried em Covent Garden, & depois pedacinhos de cano vieram flutuando, & a água era de um tom vermelho ferruginoso – Ninguém, no entanto, pareceu achar que o aquecedor poderia explodir. Escrevemos a manhã inteira. A propósito, recebi notícias de Adrian, [25] que foi morar em alguns cômodos em Cambridge sem um único lençol. Nesse momento, começo a dar telefonemas & escrever cartas sobre lençóis, agora que os Waterlow continuam quietos. Após o almoço, fomos a Kingston comprar xícaras de louça decorada, que ali se podem comprar a 1d cada. Se Lizzie não for dispensada, & continuar se comportando como se cada dia fosse seu último, precisaremos dar-lhe alguma coisa barata onde descarregar sua raiva. Voltamos para casa no alto de um ônibus, inventando frases à maneira & com o tom de Walter Lamb. Leonard vai assistir o discurso dos fabianos; [26]] creio que eu me darei o luxo de um cinema – mas por quê? Com certeza sairei de lá dizendo a mim mesma, “Nada jamais me fará ir ao cinema novamente”. Também recebi notícias de Annie, que evidentemente deseja ser nossa cozinheira fixa pelo excelente motivo, creio eu, que a nossa casa é a menos exigente da Inglaterra. Os Waterlow dizem que o namorado dela foi para Willesden – ou substituído por alguém de lá. O artigo de L. sobre a diplomacia deve sair no sábado. Ele, é claro, tinha certeza de que seria rejeitado (esta é uma anotação para uso e citação futuros).

Sexta, 15 de janeiro

Fui ao meu cinema; L. aos seus fabianos; & ele achou, no geral, que sua mente & espírito & corpo teriam se beneficiado mais dos filmes do que dos Webb [27] & dos médicos, que conversaram sobre a etiqueta deles. Houve dois ou três filmes soberbos; um de uma barcaça carregada de madeira flutuando diante de Bagdá – outro de um palácio oriental, repleto de macacos & vira-latas – outro de um iate naufragado. Mas como de costume o drama é tedioso demais. Bom seria gostar do que todos gostam. O lugar estava cheio, risadas estrondosas, aplausos etc.

Tive notícias de Emphie Case esta manhã, ela pede que eu averigüe sobre a casa em Lewes onde Lily teve seu filho – pois conhece uma jovem que também deseja ter um filho. Não sei como Emphie se inteira desses

assuntos. Ou Janet. Caminhamos até Hogarth esta manhã, para ver se o barulho das crianças na escola é de fato um ponto contrário. Aparentemente, afeta apenas Suffield.^[28] Bem... não sei o que devemos fazer. Quanto eu não daria para pular umas trinta páginas & descobrir o que acontecerá conosco. Caminhamos pelo parque, & vimos Territorials^[29] açoitando & esporeando seus cavalos; & também uma imensa árvore. Vamos jantar cedo & ir ao Hall – um esbanjamento sem precedentes – muito embora tenha havido um tempo em que eu costumava ir a óperas, concertos noturnos etc., pelo menos três vezes por semana... E sei que nós dois pensaremos, quando tudo isso terminar, “que de fato uma boa noite de leitura teria sido melhor”. L. continua lendo os diplomatas; eu lendo sobre 1860 – os Kemble – Tennyson etc.; para captar o espírito daquela época para *A Terceira Geração*^[30]. Eles eram extremamente científicos: sempre desencavando monstros extintos, observando as estrelas, & tentando descobrir uma religião. Neste exato momento, sinto como se a raça humana não tivesse nenhuma personalidade – como se perseguisse o nada, acreditasse no nada, & combatesse apenas por um monótono senso de dever.

Hoje comecei a tratar meu calo. Há uma semana precisava fazê-lo.

Sábado, 16 de janeiro

Creio que ontem à noite o teatro (Coliseum) acabou valendo a pena – apesar dos pesares. O que me agrada neles são os “atos” – cantores cômicos, ou homens imitando *prima donnas*, ou malabaristas. Levo um ato inteiro para entrar em uma peça, & portanto peças de um único ato são quase sempre um tédio absoluto. Daí que fiquei desapontada ao ver que seriam três peças de um só ato; a primeira, *Barrie Der Tag* – um palavrório completo do tipo mais raso sobre o imperador alemão; depois uma peça sobre uma mulher que queria dizer prataria quando dizia pirataria; a terceira, *Dr. Johnson*. Dr. Johnson começa espirrando lugares-comuns & termina paternal, sentimental & tão terno quanto uma mulher – o que, claro, era o que ele deveria ser no palco. No entanto, teve um homem que cantava como uma *prima donna*, & uma *revue* patriótica – as pessoas aplaudiram para o Grey mais do que para qualquer outro. Saímos justamente quando um vaso oriental cinza & violeta foi atirado no meio do palco – não vi meus filmes de guerra, mas saí mansa como um carneirinho.

De manhã, escrevemos. O artigo de L., a propósito, ficou muito bem na *New Statesman*. Adrian escreveu pedindo talheres, louças, artigos de cozinha. Eles parecem ter montado uma casa sem um objeto sequer. Ele me escreveu à luz de uma vela sobre um pires. L. foi à London Library; eu

passei com Max [o cachorro] ao longo do rio, um percurso um tanto interrompido – por um osso que ele roubou, pelas minhas ligas que caíram, por uma briga de cachorros da qual ele saiu com uma orelha machucada que sangrava horrivelmente. Pensei no quanto sou feliz, sem nenhuma das agitações que um dia me pareceram constituir a felicidade. L. & eu discutimos sobre isso durante algum tempo. E também sobre a falta de sentido de qualquer trabalho humano, exceto enquanto uma maneira de fazer feliz quem trabalha. Agora me alegro com o que eu escrevo, unicamente porque adoro escrever & porque, para ser sincera, não dou a mínima para o que os outros dizem. Em que mares de horror mergulhamos para apanhar essas pérolas... no entanto elas valem a pena.

Domingo, 17 de janeiro

Hoje a manhã não teve nada de memorável – à tarde, Herbert veio & saiu com L. para um passeio. Fui ao concerto no Queen's Hall, fiquei durante três lindas melodias & ao voltar encontrei Herbert, que ficou até a hora do jantar. M.S. [Marjorie Strachey] veio jantar; à primeira vista parecia mudada, de certo modo. Para melhor, achei, apesar de visivelmente mais magra. Ela queixou-se de insônia, & à maneira típica dos S., de “estar devastada”; & de a vida ser “amedrontadora demais”. Mas conversou sobre trivialidades, até que, depois do jantar, começou a insistir muito incisiva no assunto casamento... (eu diria que nos disse do nada: “Tenho um amigo que me acha muito linda & muito burra” – & eu, meio que desconfiada de alguma coisa estranha, disse: “Ah ele deve ser um operário, melhor não se casar com ele”. Bem, ela nos pressionou cada vez mais com perguntas sobre a vida de casados, se deveria ou não se casar, como gostaria tanto de se casar, & por vezes achei que estivesse apenas falando como tanta gente solteira faz, & noutras desconfiei que existia outra coisa. Por fim um de nós (eu, talvez) disse: “Bem, Marjorie, mas o que você deseja ser?”. “Uma mulher casada”, ela respondeu tragicamente. “Mas existe alguém com quem você deseje se casar?” “Sim!” – “Quem é ele?” Ela enterrou o rosto entre as mãos & em seguida exclamou: “Um homem casado! Jos Wedgwood!” [31] Ficamos espantados, em silêncio. E depois não se falou de outro assunto por uma ou duas horas. Deve ser o negócio mais estranho que já ouvi... Aqui vai mais ou menos o que aconteceu. No verão passado, Jos abandonou a mulher, ou ela o abandonou, esse ponto não está claro. Desde então, ele passou a morar sozinho em Londres, & queixava-se amargamente da sua solidão a Philip Morrell, [32] entre outros. Philip lhe recomendou uma prostituta. Ottoline logo procurou Marjorie. Eles a convidaram para jantar, & depois do jantar, Ottoline saiu volteando para trás das portas-camarão, deixando Marjorie

num tremendo *tête à tête* com Jos. Embora fosse a primeira vez que se encontravam, ele lhe contou toda a sua história & suas amarguras. No dia seguinte ele foi à casa de Lady Strachey. Passaram a se ver constantemente & mais ou menos uma semana antes do Natal ele a pediu em casamento no Lockeridge. [33] Àquela altura ela estava muito apaixonada & aceitou... mas o que eles irão fazer? Ela se recusa a deixar que ele peça o divórcio, argumentando que um divórcio é uma ignomínia; além do mais, ele mesmo afirma que um divórcio acabaria com sua carreira política. É tremendamente ambicioso. Ela quer morar com ele como sua esposa, mas isso, é claro, também significaria uma ruína política completa. Ser uma amante comum é algo fora de questão para ela. Lady Strachey complica ainda mais o caso, pois ficaria horrorizada ante qualquer coisa que fuja do convencional & não pode nem ouvir falar disso. Depois, ainda há o medo de Mrs. Wedgwood. Se ela ficar sabendo, será que tentará reconquistar Jos? Será que conseguirá? Metade dos Strachey (Lytton entre eles) aconselha M. a deixar esse assunto de lado. Ela obviamente está apaixonada, mas também bastante nervosa & esgotada. Vai viajar para o sul da França; Jos, enquanto isso, vai para o front. Bem... que se há de pensar de tudo isso? Ao ver M. apaixonada, & seu amor correspondido, senti que o único curso de ação seria o mais extremo; mas ao refletir melhor, particularmente sobre a maneira como tudo aconteceu, a brevidade do caso & as manobras de Ottoline, tive minhas dúvidas... em relação a Jos, principalmente. Não será o mesmo caso de Sydney Waterlow, repetindo-se? Será que o seu sentimento irá durar, ainda que o dela dure? Ele esteve casado com Ethel durante vinte anos & os dois têm sete filhos. Leonard está pessimista, & com razão, acho. Acredita que M. escolheu o pior caminho dentre suas possibilidades & ressalta o horror que é a posição de amante, sem nenhum laço com um homem que francamente se importa mais com a carreira do que qualquer outra coisa, & a quem ela foi entregue para satisfazer necessidades que podem se extinguir depressa... Mas agora que eles ficarão separados por algum tempo, talvez as coisas se ajeitem sozinhas. Sinto que é o maior romance da vida dela, seja lá o que aconteça. Esta manhã, obedecendo a um impulso noturno, escrevi a Thomas Hardy! agradecendo o poema que escreveu sobre meu pai & suas obras!

Segunda, 18 de janeiro

Continuamos sob a influência de Marjorie esta manhã. Algumas pessoas passaram a noite inteira (assim pareceu) arrastando caixas aqui ao lado. Foi a mulher do vizinho que voltou de Nova York. À tarde fomos ver as casas em Mecklenburgh Square; o que levou a uma longa discussão sobre nosso

futuro & a um novo cálculo da nossa renda. O futuro é sombrio, o que no geral é a melhor coisa que o futuro pode ser, acho eu. L. foi aos Webb, & eu voltei para casa – & nada digno de nota aconteceu desde então a não ser o fato de que tão logo comecei esta página L. afirmou ter desistido da incumbência de escrever um panfleto sobre arbitragem... e agora devo interromper este diário para discutir essa loucura com ele. Em parte, isso é por causa do meu hábito egoísta de falar sempre em nome do argumento do meu livro. Quero ver o que se pode dizer *contra* todas as formas de atividade & assim dissuadir L. de seu trabalho, falando na verdade não como eu mesma, mas como Effie. Claro que é absolutamente necessário que L. faça um trabalho imensamente bom.

Terça, 19 de janeiro

A melancolia de L. continua, tanto que ele declarou de manhã que não conseguia trabalhar. O resultado foi um dia um tanto melancólico. Lá fora está muito frio & cinzento também. Caminhamos pelo Richmond Park à tarde; as árvores todas negras & o céu pesado sobre Londres; mas há cor suficiente para tornar este dia ainda mais bonito do que os dias claros, acho eu. Os veados têm exatamente a mesma cor das samambaias. Mas, como eu ia dizendo, L. estava melancólico. A única coisa que posso fazer é desdizer o que eu disse, & dizer o que de fato eu queria dizer. É um mau hábito escrever romances – falsifica a vida, acho. No entanto, depois de elogiar muito sinceramente o que L. escreve por 5 minutos, ele disse: “Pare”; diante do que eu parei, & não há mais nada o que dizer. Quando analiso o humor dele, atribuo grande parte à sua completa falta de confiança na potência de sua escrita, como se talvez ele não fosse um escritor; & sendo ele um homem prático, sua melancolia é bem mais profunda do que a melancolia meio fingida dos que se preocupam com o que os outros podem pensar, como Lytton & Sir Leslie & eu. Não há como discutir com ele.

Bem, estou lendo *O idiota*. Muitas vezes não consigo suportar o estilo; ao mesmo tempo, ele parece ter o mesmo tipo de vitalidade que tinha Scott; só que Scott criava apenas magníficas pessoas comuns, enquanto D. cria maravilhas, com inteligências muito sutis & sofrimentos medonhos. Talvez a semelhança com Scott se deva em parte ao estilo solto, livre & fácil da tradução. Também estou lendo Michelet, caminhando a duras penas pela monótona Idade Média; & a vida de Fanny Kemble. Ontem no trem li *The Rape of the Lock*, [34] que me parece “supremo” – quase sobre-humano em sua beleza & brilhantismo – não dá para acreditar que tais coisas tenham mesmo sido escritas. Acho que um dia eu deveria escrever um livro sobre

“os excêntricos”. Mr. Grote pode ser um. Lady Hester Stanhope. Margaret Fuller. Duquesa de Newcastle. Tia Julia? [35]

Quarta, 20 de janeiro

Tendo concluído um capítulo, saí para comprar coisinhas durante uma parte da manhã – Por exemplo, vi uma massa rosada na peixaria & a comprei: ovas de bacalhau. Então fiz cópias de carbono de algumas anotações de L. sobre arbitragem. O efeito da natureza aliviou o estado de espírito dele mais do que os argumentos de sua mulher – além disso, o dia estava bonito. Enfim, agora podemos esperar que ele comece, o que é o mais importante. Ele foi até a School of Economy [36] depois do almoço; & eu para Westminster. Quero ver o máximo possível de casas. Mas na Barton Street o aluguel é £130 – & isso é um preço baixo, por causa da guerra. Westminster, silencioso & sombreado pela abadia, é praticamente o coração de Londres. Àquela altura chovia. Fui para a Days & descobri que meus livros já tinham sido enviados. Quando tentei lembrar o nome de um deles, foi um fracasso total; deve ser isso que se sente ao prestar um exame. Li *Essay upon Criticism* [37] esperando meu trem em Hammersmith. Os clássicos fazem o tempo passar muito melhor do que a *Pall Mall Gazette*. Maynard Keynes veio jantar. Nós lhe servimos ostras. Ele é como mercúrio numa prancha inclinada: um pouco inumano, mas de um modo gentilíssimo, como as pessoas inumanas são. Fofocamos um pouco a toda velocidade sobre Adrian & Karin (Adrian faz amor num volume alto & judicioso) [38] & é claro, sobre Marjorie & Jos. Nesse ponto, embora amistoso & muito divertido, achei K. meio inumano. Ele enxergava a esquisitice & a graça, mas não parecia ver que a coisa podia ser séria. Foi tudo uma trama de Nessa & Ottoline, disse ele. Então falamos sobre a guerra. Não estamos combatendo agora, diz, apenas aguardando a primavera. Enquanto isso, esbanjamos dinheiro numa escala que deixa os franceses, que estão num canto amedrontados, boquiabertos de admiração. Estamos destinados a vencer – & em grande estilo, aliás, depois de por fim ter dedicado todos os nossos cérebros & riquezas ao problema.

Quinta, 21 de janeiro

Maynard na noite passada estava cético quanto ao valor de se escrever sobre arbitragem. Estava cético quanto ao valor de praticamente qualquer trabalho, salvo pelo prazer que dá a quem trabalha. Ele só trabalha porque gosta. Isso, é claro, deprimiu o pobre L. mais uma vez. Estava muito melancólico pela manhã & teve de ir passar o dia no British Museum, o que em si já é ruim o suficiente, mesmo quando se acredita no próprio trabalho

maçante. Ainda assim, acho que será um enorme sucesso & que, mesmo que não evite outra guerra, há de colocá-lo entre os jovens eminentes de hoje, o que não é de se desprezar. Fui à London Library – um espaço cultural estagnado defumado que eu detesto. Ali li Gilbert Murray sobre a imortalidade, peguei um livro para L., & depois, fui para casa; perdi o trem & li a carta do dr. Arbuthnot na Hammersmith Station. L. chegou tarde, pois foi a Hampstead ver Janet, que parece continuar na mesma, mas creio que será assim mesmo durante meses. Emphie chateada com Margaret, que aconselha uma cura de repouso como se deve, “coisa que a paciente não faz por conta própria”. Sylvia Milman veio jantar – Depois de um bom tempo reverenciando a China (que ela diligentemente visitou, em sua missão de estar na vanguarda) passamos às lembranças de infância, o que me divertiu, mas, receio, entediou L. Ninguém teve lar mais tedioso que o dela; mas graças unicamente ao trabalho duro, sem uma gota de talento, ela conseguiu arrastar-se atrás dos vanguardistas, i.e. Nessa, & hoje mora num apartamento, guarda dinheiro para viajar & colabora na Omega. Ida está trabalhando como enfermeira na França; Enid & Maud criando galinhas. Obviamente tinha coisa boa no deão; ^[39] embora nunca uma faísca sequer de entusiasmo. Ela foi ficando, ficando, até L. estar a ponto de se levantar da sua cadeira.

Sexta, 22 de janeiro

Quando L. abriu as cortinas esta manhã, praticamente não entrou nenhuma luz; lá fora havia uma espécie de confusão cinzenta – neve macia rodopiando, incessante. Assim foi durante quase o dia inteiro, às vezes mudando para chuva. O Green está adorável; & ilumina o quarto com seu clarão branco & puro. Mas as ruas logo ficam marrons. Claro que, nesta Casa da Confusão, os canos explodem; ou entopem; ou o teto se abre em dois. Seja como for, no meio da manhã ouvi um barulho de água correndo no lambril; & desde então Mrs. Le Grys, Lizzie & diversas pessoas têm subido no telhado. A água ainda pinga do teto numa fileira de penicos. Mrs. Le Grys grita histericamente: “Ah, não se preocupem, temos seguro!”. O encanador se recusa a sair de casa num tempo desses. Vamos escutar os fabianos no Essex Hall. Aposto que seremos arrastados das nossas camas esta noite. É um inverno esquisito – o pior que já vi, muito apropriado para a guerra & todo o resto. Ontem não disse que recebi resposta de Thomas Hardy! Ele escreveu uma carta muito gentil, muito característica, & ficou muito satisfeito por eu ter-lhe escrito. Então aquele impulso noturno veio de Deus.

Sábado, 23 de janeiro

Valeu realmente a pena ter ido escutar os fabianos: & mais ainda vê-los. Mrs. Atkinson falou longamente sobre a paz – consegui entender tudo, em todos os momentos, & em termos gerais refutar o que ela disse; de modo que acho que deve ter sido bem ruim. O interessante foi ver Mrs. Webb, sentada como uma aranha industriosa à mesa, tecendo suas teias (um trocadilho!) [40] incessantemente. O lugar estava lotado de mulheres sérias & desmazeladas, que em casa são consideradas “esquisitas” & se orgulham disso; & de rapazes amarelados de cabeleira farta & narizes largos em ternos marrons de tweed. Todos pareciam doentios & singulares & impotentes. O único discurso que valeu qualquer coisa veio de Squire, que usa uma camisa de tom azul vivo & cultivava uma aparência divertida. Ele disse que tudo aquilo era muito maçante & sensato – & era mesmo; & a ideia de que essas aranhas frágeis possam vir a afetar o destino das nações me parece fantástica. Mas valeu muito a pena ter ido – & agora me declaro uma fabiana. Ficamos em Richmond o dia inteiro. Caminhamos rio acima & nos sobressaltamos com a queda repentina de uma avalanche de neve de um telhado. Estava muito frio & enevoadado. Jean nos pediu para ir escutar alguém do VAD [41] cantar, mas a lareira após o chá estava tentadora demais. Oliver & Ray [42] jantaram conosco. Oliver o de sempre, muito rápido, impaciente & um tanto irritadiço. Ray sólida & capaz & apaziguadora. Conversamos sobre a guerra, & Marjorie. “Não consigo nem *pensar* nisso. É revoltante *demais*”, O. estremeceu, depois de dizer que M. deve é claro ir morar com Jos como sua amante. Ray diz que para ela o mundo se divide entre aqueles que são bons o bastante para nos apaixonarmos & os que não são – & Marjorie não é. Eles acham que ela está apaixonada – mas apaixonada também pelo drama da situação. Também compartilham de nossos receios – mas concordam que qualquer coisa no caso dela é melhor do que nada.

Domingo, 24 de janeiro

Ontem à noite no meio do jantar, Molly nos telefonou para saber se ela & Desmond podiam vir almoçar aqui hoje. Oliver exclamou que ele por acaso sabia que Desmond tinha prometido almoçar com Henry James. [43] Informamos isso a Molly. Para ela era novidade. De modo que ela veio sozinha, por volta das 12h30. Mergulhamos é claro nas fofocas de Gordon Square. Ela sofreu tremendamente este inverno, graças a uma série de confusões com Clive, cuja natureza bem posso imaginar; mas se foi ele que se entediou primeiro ou se foi ela que se indignou, já não sei. Seja como for, como eu poderia prever, depois de violentas cenas que perduraram por

quase dezoito meses, os dois romperam relações, & ele fala mal dela, & ela fala mal de si mesma – por ter lhe dado ouvidos um dia. Mas acha que serem conhecidos que saem de vez em quando não vai servir para ele – “conversa de festa de jardim”, é como ele chama isso – & sente que a intimidade nesses círculos leva a uma espécie de empoeiramento da alma. Bem, ela terminou; & agora levará Desmond a Freshwater por nove meses, para que viva com pouco dinheiro & escreva um romance. Essa é a última tentativa – & parece um pouco desesperada. Ele virá para a cidade uma vez a cada seis semanas. Ela deverá cuidar de três crianças & da casa contando apenas com uma criada. E faz votos de nunca mais voltar ao turbilhão. Para completar, eles brigaram com a mãe dele, & perderam o direito a £100 por ano; de modo que precisam viver com £350, o que inclui o artigo semanal de Desmond na *New Statesman*. Ela foi incoerente, desatenta & fragmentária como de costume; como uma tracinha cinzenta em meio às máquinas. L. foi visitar a mãe dele; eu fui ver Jean, que encontrei sentada de veludo preto num quarto parecido com um restaurante barato com luzes brilhantes. E teve a velha Mrs. Thomas também, tricotando incessantemente, & conversamos sobre encanamentos & soldados; & então, voltei para casa, para uma noite tranquila graças a Deus.

Segunda, 25 de janeiro

Meu aniversário – & deixe-me contar todas as coisas que ganhei. L. tinha jurado que não me daria nada, & como boa esposa acreditei. Mas ele veio sorrateiro até minha cama com um pacotinho que era uma linda bolsa verde. E trouxe o café da manhã, com um jornal que anunciava uma vitória naval (afundamos um navio de guerra alemão) & um embrulho marrom quadrado com o *The Abbott* dentro – uma primeira edição linda – Portanto tive uma manhã muito feliz & agradável – que realmente só foi superada pela tarde. Fui então levada à cidade, de graça, & mimada, primeiro no cinema, depois no [salão de chá] Buszards. Acho que havia dez anos que eu não era mimada no meu aniversário, & a sensação era exatamente esta – pois era um lindo dia gelado, tudo animado & alegre, como deve ser, mas nunca é. O cinema foi um pouco decepcionante – pois não conseguimos ver os filmes da Guerra mesmo depois de esperar uma hora & meia. Mas em compensação apanhamos um trem direto no último segundo & tenho estado muito satisfeita lendo o que papai escreveu sobre Pope, que é muito espirituoso & inteligente – não há uma única frase mortiça. Sinceramente não sei quando desfrutei tanto de um aniversário – pelo menos não desde que era criança. Durante o chá decidimos três coisas: em primeiro lugar ficar com Hogarth [House], se pudermos; em segundo, comprar uma prensa

móvel; em terceiro, comprar um buldogue, que provavelmente se chamará John. Estou muito empolgada com a perspectiva das três – especialmente da prensa. Também ganhei um pacote de caramelos para levar para casa.

Terça, 26 de janeiro

L. foi até a School of Economics pela manhã; escrevi, como de costume, junto à lareira, com uma ou outra interrupção de Lizzy, que parece um cavalo novo de carroça, de pelo grosseiro & cascos enlameados. Depois do almoço, encontrei L. nos portões de Kew Gardens & voltamos a pé para Richmond pelos jardins, que agora parecem estar fervilhando de brotos & bulbos, embora não se veja nem uma folhinha. Ele já pegou o tom da arbitragem dele – assim é a mente masculina – &, bem vejo, seguirá direto agora, & (aqui faço minha profecia) será um grande sucesso & lhe trará tanto trabalho quanto ele deseje. Conforme Molly suspirou: “Deve ser maravilhoso ter um marido que trabalha!”. Acho que seria estranhíssimo ter um que não trabalhasse... Mrs. Woolf & Clara^[44] vêm para o jantar, portanto preciso parar aqui.

Quarta, 27 de janeiro

Mrs. Woolf & Clara vieram para o jantar. Não sei o que há nelas... ousou dizer que é melhor não tentar definir o quê. Talvez suas vozes, em parte? – talvez em parte suas maneiras. Enfim, elas nos trouxeram flores & chocolates. Mrs. W. ficou sentada, tricotando. Clara fumou. Acho que as judias são de certa maneira insatisfeitas. Clara é. Mrs. W. tem a mente de uma criança. Diverte-se com tudo, & no entanto não entende nada – diz o que quer que lhe venha à cabeça – tagarela sem parar, ora de bom humor, ora de mau humor. Parece gostar de todos igualmente, como se todos fossem iguais. Contou-nos como costumava ir se deitar com um cesto de meias ao seu lado, para poder começar a cerzir assim que acordava de manhã.

Leonard foi até a School of Economics hoje. Escrevi, & em seguida fui ver Janet. Emphie & a cozinheira estão com gripe – fui recebida por uma irmã mais velha – uma senhora de idade sagaz & sensata, que vem cuidando das coisas. Janet parecia melhor, & disse que se sentia melhor. Conversamos sobre meu romance (que todos, assim prevejo, jurarão que é a coisa mais brilhante que já leram; & secretamente irão reprová-lo, como de fato ele merece ser reprovado)^[45] & sobre Shelley, & os poetas & sua imortalidade. Ela disse que na juventude teria desaprovado as relações de Shelley com as mulheres... Mas a irmã mais velha vinha espreitar de quando em quando, o que tornava constrangedor conversar sobre moral. Para casa & terminei Pope, & então, cama.

Quinta, 28 de janeiro

Leonard saiu de novo para almoçar com os Webb, & terá reunião do comitê. Mais uma vez escrevi. Todos esses dias, devo observar, têm sido meio escuros, clareando um pouco por volta das 3h da tarde, antes do seu mergulho derradeiro na escuridão; no entanto, acho que essa escuridão é a escuridão do início da primavera, & não mais a escuridão do inverno. Decidi ir a Londres só para escutar o rugido da Strand, o que bem se pode querer, eu acho, depois de um ou dois dias de Richmond. De certo modo, não se pode levar Richmond muito a sério. Sempre é preciso vir até aqui para um passeio, suponho, & isso faz parte do seu encanto, mas de vez em quando desejamos vida de verdade. Enquanto me vestia, meu relógio de pulso caiu no chão, & ao me sentar para tomar o chá na Strand, percebi que os ponteiros estavam parados às 4h30, embora o relógio continuasse ticando. De modo que o levei à Frodsham's, na South Molton Street, onde fiz muita troça com os McCabe & o fato de o relógio estar há mais de 60 anos na minha família. [46] Frodsham afirma ser o único relojoeiro genuíno de Londres: o resto são joalheiros. Vi uma mulher linda no ônibus, que mal conseguia conter o riso porque um enorme cavalheiro de uniforme militar foi atirado em seu colo como um saco de carvão, o que aparentemente lhe dava muitas cócegas, & quanto mais ela ria, mais bonita eu a achava. Só cerca de uma pessoa me parece bonita a cada quinze dias – a maioria não me parece nada. Para casa & encontrei L. triunfante em relação à sua reunião de comitê. Ele pode fazer o que quiser: & Squire está dando indiretas de que gostariam que ele editasse o suplemento dos “Blue Books”. [47] Bem, “eu te disse...” Hoje chegou uma nova criada. Lizzy se foi, carregando um embrulho de papel pardo & assoviando alto... para onde terá ido?

Sexta, 29 de janeiro

Devo dizer “hoje nada aconteceu”, como costumávamos fazer quando nossos diários começavam a morrer? Não seria verdade. O dia se parece muito com uma árvore desfolhada: tem toda espécie de cores, se olharmos bem de perto. Mas o contorno é simples. Trabalhamos: depois do almoço caminhamos até o rio, até aquela enorme construção medieval que avança rio adentro... Acho que é um grande moinho de água. E voltamos cedo, para que L. pudesse tomar o chá antes de ir a um comitê em Hampstead. Depois disso comprei comida, & não observei nada de muito interessante. Mas o fato principal do dia para mim foi um certo incômodo vago causado pelo caráter excêntrico da nova criada, Maud. Quando se fala com ela, estaca onde está & olha para o teto. Irrompe no quarto “só para ver se os senhores